

A literatura de formação e os conteúdos escolares nos escritos de Monteiro Lobato: apontamentos para uma prática pedagógica

Maria Angélica Cardoso*

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica intitulada “A literatura de formação e a educação escolar nos escritos de Monteiro Lobato.” Tem por objetivo analisar os aspectos formativos e escolares presentes em cinco livros da obra infantil de Lobato pertencentes à Coleção Sítio do Pica-pau Amarelo. Viagens e encenações perfazem a periodização exigida para a formação de seus personagens. A análise dos traços da cultura escolar revela que Monteiro Lobato não condenava a escola, mas sua metodologia de ensino. Tendo experiência como editor de livros didáticos, fez da turma do Sítio seu porta-voz nas críticas ao livro escolar mal-elaborado e à forma de transmissão dos conhecimentos escolares. A análise dos cinco livros do autor detectou no cenário do Sítio um modelo social de escola. Diálogos, debates, comparações, professores bem-preparados, facilitação dos meios de aprendizagem, utilização de material concreto e de exercícios práticos, experimentos, aproveitamento de situações vividas pelas crianças apontam um caminho para uma prática pedagógica alegre e criativa, porém a maior contribuição desse autor está na valorização da criatividade e no uso da imaginação. Em suas histórias, impera o faz-de-conta.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Literatura de formação. Educação escolar. Prática docente.

* Doutoranda em Educação pela Unicamp; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Especialista em Formação Docente para a Educação Infantil e Fase Inicial do Ensino Fundamental pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp); cardosoangelica@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica, temos por objetivo inicial analisar e buscar traços da cultura escolar presentes no livro “História do Mundo para Crianças”, escrito por Monteiro Lobato. Após a leitura dessa obra, alargaram-se os horizontes: além da cultura escolar, buscamos, também, a questão da formação presente nessa e em quatro outras obras do mesmo autor, por estarem diretamente relacionadas às disciplinas escolares, além de fazer alguns apontamentos para uma prática docente alegre e criativa, conforme sugeria o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Para analisarmos os escritos de Monteiro Lobato, especificamente esses cinco livros pertencentes à Coleção “Sítio do Pica-pau Amarelo”, quais sejam: Histórias do Mundo para Crianças, Emília no País da Gramática, Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta e Serões de Dona Benta, recorreremos à definição do que entendemos, desde o iluminismo alemão, por “Bildung”, ou seja, por formação ampla do indivíduo, da nação ou de um povo. Com os pensadores da “Bildung”, buscamos a categoria de literatura de formação.

A acepção alemã proveio das luzes e dirigiu-se ao coração do idealismo alemão, tornando-se “[...] uma das noções centrais da filosofia hegeliana.” (COHN-POUCHART, 1990, p. 158). Posteriormente, passou a designar o “[...] processo temporal e histórico pelo qual um indivíduo, um povo, uma nação, mas também, uma obra de arte adquirem uma forma.” (COHN-POUCHART, 1990, p. 158).

A partir disso, o artigo foi organizado em três partes: na primeira, desenvolvemos um quadro geral sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato. Na segunda, procedemos à análise da formação geral contida em seus livros, enfatizando-se o percurso de maturação dos personagens para participarem da sociedade e o efeito social da cultura popular. A terceira parte traz a questão educacional presente nos contos de Lobato, acentuando-se os traços da cultura escolar. Concluímos levando para o seio da prática docente tanto a questão da formação ampla do indivíduo quanto a formação escolar contidas na obra lobatiana.

2 MONTEIRO LOBATO: SEU TEMPO E SUA OBRA

Nascido em 18 de abril de 1882, José Renato Monteiro Lobato passou pela infância e adolescência de forma calma e confortável “[...] apesar do agitado pano de fundo da época, quando o Império dava sinais de declínio e a República apontava no horizonte político do país.” (DUPONT, 1982, p. 3). Aos onze mudou seu nome para José Bento Monteiro Lobato, para poder usar uma bengala do pai com a inscrição JBML.

Em seus primeiros anos na escola, encontrou grandes dificuldades com o português “[...] a ponto de se sentir martirizado nesse aprendizado. Provavelmente [...] viria a se inspirar nessa experiência para escrever Emília no País da Gramática.” (DUPONT, 1982, p. 5). Voltou a sofrer com o idioma nos exames de admissão ao curso anexo, preparatório para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Foi reprovado em Português. Em 1900, ingressou no curso de Direito da Faculdade do Largo São Francisco. Lá fez parte do grupo literário Minarete, iniciando, nesse período, suas atividades com a imprensa.

Nos anos seguintes, participou de sociedades e centros acadêmicos, colaborou em jornais com artigos, crônicas e críticas até colar grau em Direito, em 1904. Exerceu, por algum tempo, a promotoria de Areias na qual, segundo ele, não promoveu nada.

Em 1911, herdou a fazenda do avô passando a dedicar-se à agricultura. O fazendeiro passava por sérios problemas, pois, em virtude do seco inverno de 1914, São Paulo sofria intensamente com a falta de chuvas que criava um clima propício às queimadas. Lobato ficou indignado ao descobrir que o fogo era provocado por questões políticas: o caboclo, pela fidelidade partidária, tinha o direito de queimar o mato próprio e o alheio. Dessa indignação, nasceu Velha Praga, um conto escrito contra as constantes queimadas praticadas pelos caboclos. Um mês depois publicou o artigo Urupês no qual mostra o caboclo como um sujeito indolente e preguiçoso, alguém indiferente ao desenvolvimento do país. Nascia aí a primeira versão do Jeca Tatu, personagem-símbolo de sua obra, um homem incapaz de sair de sua posição de cócoras, funesto parasita da terra, alguém incapaz de se adaptar à civilização.

Vendeu, em 1917, sua propriedade e se estabeleceu na cidade de São Paulo. Nesse ano, lançou o livro *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. Em dezembro, publicou *Paranóia ou Mistificação*, crítica à exposição de pintura de Anita Malfatti, mais tarde compilada no livro *Idéias de Jeca Tatu*.

Mobilizado pelas campanhas sanitaristas, iniciou, em 1918, no estado de São Paulo, uma série de artigos sobre saúde pública. Nesse envolvimento, reviu seu posicionamento diante da situação do caboclo, tão duramente criticada em 1914, o que o levou a redefinir o perfil do seu Jeca Tatu, personagem indolente não pela sua natureza genética ou racial, mas sim pela falta de condições de higiene e saúde. Nascia a segunda versão do Jeca Tatu, na qual o autor reconhece que o retrato anterior era injusto, que a culpa não era do caboclo, mas sim daqueles responsáveis pela sua miséria e abandono. Que sua incapacidade de sair de sua posição de cócoras se devia à debilidade de seu organismo minado pelas lombrigas. Resultante desse envolvimento é o lançamento do livro *Problema Vital*. Também, nesse ano, lançou o livro *Urupês*, comprou a *Revista do Brasil* e fundou a Editora Monteiro Lobato e Cia. No ano seguinte, 1919, publicou *Cidades Mortas e Idéias de Jeca Tatu*, compilação de sua produção de crítica literária e de arte. Em 1920, foram lançados *Negrinha e Narizinho Arrebitado*, a primeira obra para crianças. Em carta ao amigo Rangel, revela sua preocupação: “Mando-te o *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.” (LOBATO, 1955b, p. 228).

Seguiu com suas publicações: em 1921, *Fábulas de Narizinho*, *O Saci e Onda Verde*; em 1922, *O Marquês de Rabicó e Fábulas*; em 1923, chegou ao público *O Macaco que se Fez Homem e Contos Escolhidos*.

Em agosto de 1924, Lobato enviou a Artur Bernardes uma carta discutindo o sistema eleitoral vigente. A carta transformou-se em panfleto – *O voto secreto*. Em reação, o Presidente da República mandou suspender todas as compras de livros escolares feitas pelo governo à sua editora. Além disso, uma rebelião militar paulistana obrigou à paralisação, por dois meses, das atividades da editora, o que a levou a uma crise terminal. Ainda assim foram lançados: *Mundo da Lua*, *A caçada da Onça* e *Jeca Tatuzinho*, com noções de higiene para as crianças.

Em 1925, sob encomenda do Laboratório Fontoura, ele adaptou *Jeca Tatuzinho* para promoção do *Biotônico*. Nesse mesmo ano, foi publicado, em Paris, na *Revue de L'Amérique Latine*, o conto *Um Suplício Moderno*, extraído de *Urupês*.

O Choque das Raças ou O presidente Negro, enfocando a possibilidade de vitória de um presidente negro nos Estados Unidos, foi lançado sob a forma de folhetim pelo jornal A Manhã e, em dezembro do mesmo ano, 1926, sob a forma de livro.

De 1927 a 1931 morou em Nova Iorque, como adido comercial no Consulado do Brasil. Lá observou, bem de perto, um novo processo siderúrgico de produção de aço e o desenvolvimento dos Estados Unidos em virtude do petróleo e do ferro. Nesse período, foram lançados: As Aventuras de Hans Staden e de Mr. Slang e o Brasil, em 1927; O Noivado de Narizinho, O Gato Félix, Aventuras do Príncipe e Cara de Coruja, em 1928; e O Irmão de Pinocchio e O Circo de Escavaliño, em 1929. Em dezembro de 1930, foi exonerado do cargo de adido. Publicou A Pena do Papagaio e Peter Pan.

Ao regressar – março de 1931 –, entusiasmado com a exploração dos recursos minerais (ferro e petróleo) e o progresso dos Estados Unidos, empenhou-se na campanha pelos nossos recursos, fundando o Sindicato do Ferro e a Cia. de Petróleos do Brasil (1932). Também organizou a publicação de várias histórias infantis no volume Reinações de Narizinho. Em dezembro chegaram às livrarias O Pó de Pirlipimpim e Ferro.

Sob a incorporação de Lobato, em abril de 1932, a Companhia de Petróleo Nacional foi autorizada a operar. Ele passou a enfrentar a oposição das grandes empresas multinacionais e os obstáculos impostos pelo governo brasileiro. Nesse ano, foram publicados América e Viagem ao Céu e as adaptações de Contos de Andersen e Contos de Grimm. Em 1933, foi a vez de Na Antevéspera, Histórias do Mundo para Crianças, Caçadas de Pedrinho e Novas Reinações de Narizinho. Já em 1934, chegou às livrarias Emília no País da Gramática, e um ano depois, Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta e História das Invenções.

Em 1936, publicou *Dom Quixote das Crianças e Memórias da Emília*. Do dossiê de sua campanha em prol do petróleo, resultou o livro-denúncia *O Escândalo do Petróleo*, publicado nesse mesmo ano, em que o autor afirma:

O petróleo está hoje praticamente monopolizado por dois imensos *trusts*, a Standard Oil e a Royal Dutch & Shell - Rockefeller e Deterding. Como dominaram o petróleo, dominaram também as finanças, os bancos, o mercado do dinheiro; e como domina-

ram o dinheiro, dominaram também os governos e as máquinas administrativas. Essa rede de dominação constitui o que chamamos os Interesses Ocultos. (LOBATO, 1936, p. 12).

Nesse livro, expõe ao leitor como o Ministério da Agricultura trabalhou e trabalha bem dentro do espírito de “[...] não tirar petróleo, nem deixar que o tirem [...]”, para concluir com a famosa frase de Shakespeare: “Há algo de podre no reino da Dinamarca” (LOBATO, 1936, p. 27). O livro esgotou várias edições até ser proibido e recolhido pelo governo. No entanto, em 1937, é, de certa forma, devolvido ao público com o lançamento, na série infantil, de *O Poço do Visconde*. Também, em 1937, foram editados *Serões de Dona Benta* e *Histórias de Tia Nastácia*. Publicou, em 1938, *O Museu da Emília* e, no ano seguinte, *O Pica-pau Amarelo* e *O Minotauro*.

Sua luta em prol do petróleo brasileiro continuava. Em carta escrita ao governo de Getúlio Vargas, em 1940, criticou severamente a política brasileira de minérios. O teor da carta foi considerado subversivo e desrespeitoso. Monteiro Lobato foi detido pelo Estado Novo e permaneceu preso de março a junho de 1941. Nesse ano, publicou *O Espanto da Gente* e *A Reforma da Natureza*; no ano seguinte, *A Chave do Tamanho*.

Lobato desejou ser de tudo um pouco: fazendeiro, promotor, empresário, editor, jornalista, escritor. Foi responsável por campanhas nacionais em defesa do petróleo, do ferro, da saúde e da criança. Não obteve o sucesso desejado na maior parte de sua agitada trajetória e jamais fez da literatura seu objetivo. A indignação era o sentimento que o animava a escrever, como bem nos mostra Teixeira (1976, p. 10):

Todos os que tivemos a dita de ser seus amigos, lamentávamos a sua inconstância e mesmo infidelidade ao espírito literário e lutávamos para que volvesse à sua obra e a ela se devotasse. Nunca o quis. Sempre considerou essa obra subproduto. Esforço de compensação. Os livros lhe nasciam depois das decepções, para curar-se delas. Sempre me disse que gostaria de contar a história dos seus livros e, até, dos seus contos. Divertidíssima, dizia-me ele. Nenhum tinha razão em si mesmo. Aquela “Bucólica” extraordinária do Urupês, escrevera-a, como catarse para se consolar da morte de uma besta de estimação. E assim eram todos os seus contos e assim foram todos os seus livros [...]

O conjunto de sua obra literária volta-se tanto para crianças quanto para jovens e adultos. Sua obra geral, aquela direcionada ao público jovem e adulto, em sua maior parte, é uma coletânea de textos escritos para jornais e revistas – a exceção fica por conta de *Choque de Raças*, romance escrito em 1926. É sabido que Lobato só escrevia sob o impacto de algum acontecimento importante, alguma idéia que surgia daí. Baseava-se nesses acontecimentos e os artigos brotavam intrigantes, concisos, vigorosos, irônicos. Nesses textos, expõe, sem mistificações, “O Brasil de carne e osso.”

2.1 O ESTILO LOBATIANO

Já em 1904, quando ganhou o primeiro prêmio, com “Gens Ennuyeux”, num concurso de contos na faculdade, Monteiro Lobato chamava a atenção de quem o lia pelo seu estilo já cheio de reservas aos valores estrangeiros que então dominavam as artes no Brasil. “É certo que esse trabalho é menos um conto que uma crônica, mas que bela crônica! É um trecho de prosa bem construída, de prosa forte, maleável, corrente, colorida, e, sobretudo tão pessoal e tão espiritualmente irônica.” (DUPONT, 1982, p. 8) – disse um dos jurados ao desempatar a votação a favor do texto de Monteiro Lobato.

Para Teixeira (1976, p. 10), Monteiro Lobato fez “[...] a mais aguda e extensa análise do nosso povo e de sua terra e a mais admirável e poética literatura infantil que jamais um povo pode organizar para sua infância.” Sua obra veio ao mundo na era do realismo. No entanto, na infância, o autor viu:

[...] o apogeu do romance naturalista e da poesia parnasiana. [...] Assim, produto social e intelectual de tão variados e estimulantes componentes, não é de admirar que ele viria a se constituir numa figura polêmica, controvertida, tanto do ponto de vista literário, como sob o ângulo de suas atividades políticas, deixando sempre no espírito daqueles que o analisavam uma sombra de dúvida. (DUPONT, 1982, p. 4).

Em sua prosa, já se anunciava o modernismo principalmente pelo uso de expressões típicas da fala sertaneja, sendo considerado um pré-modernista por dois traços característicos: o regionalismo e a denúncia da realidade brasileira – na Pri-

meira República. Como regionalista, mostra-nos o Brasil rural, especificamente no interior do estado de São Paulo, fruto de suas observações na vida do campo. Para Lobato, existia uma literatura criada nas cidades por gente que nunca havia pisado no campo, um divórcio absoluto entre os brasileiros cultos e as coisas da terra. Segundo ele, tanto o caboclo quanto sua miséria vinham sendo falseados e romanticamente idealizados. No conto *Urupês*, fez a caricatura desse caboclo vagabundo e indolente – Jeca Tatu – que representava o homem típico das regiões interioranas brasileiras. Só mais tarde, o autor tomou consciência da realidade daquela população e, numa segunda versão, mostrou o caipira marginalizado social e historicamente, denunciou sua subnutrição, sua sujeição a todo tipo de doenças e seu inaccessível à cultura e à educação. O preconceito racial e a situação que os negros enfrentavam após a abolição foram outras denúncias feitas pelo autor de *Negrinha*.

Na literatura infantil, Lobato fundiu o fantástico e o pedagógico. Num mundo de fantasia, criou o *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Nesse reino mágico, não abandonou a sua luta pelos interesses nacionais. Nele são narradas aventuras em que seus personagens representam, de certa forma, as várias facetas e problemas do povo brasileiro. Em *O Poço do Visconde*, por exemplo, ficção e realidade se misturam em torno do problema do petróleo brasileiro. Em *A Chave do Tamanho*, quando o Brasil e o mundo viviam sob os impactos da II Guerra Mundial, Emília buscava meios para acabar com o sofrimento dos povos gerados pelos conflitos bélicos.

Essas características apontam para um discurso figurativo. “Quando dizemos que um texto é temático [abstrato] ou figurativo [concreto] não queremos dizer que ele é construído só com temas ou apenas com figuras, mas que é composto predominantemente com temas ou figuras.” (PLATÃO; FIORIN, 2001, p. 89). Predominantemente concretos, os textos de Lobato “[...] produzem um efeito de realidade e, por isso, representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos, etc.” (PLATÃO; FIORIN, 2001, p. 89); são representativos. Essa representatividade faz do *Sítio do Pica-pau Amarelo* um modelo social, como afirma Lajolo (1997, p. 235):

[...] as histórias do pica-pau amarelo parecem fazer do sítio de Dona Benta um modelo social para o Brasil posterior a 1930, o que de certa forma dá à obra infantil lobatiana papel de relevo no projeto de formação, reconstrução ou modernização do país em que se empenha o escritor.

Nossa pesquisa seguiu com uma análise buscando esse papel de relevo na formação e na reconstrução ou modernização quer de seus personagens, quer do país.

3 A LITERATURA DE FORMAÇÃO NOS ESCRITOS DE MONTEIRO LOBATO

A literatura de formação decorre da definição da “Bildung” que, conforme Cohn-Plouchart (1990), iniciou-se no século XVIII com o pietismo – seita protestante do século XVII, cuja doutrina era a absoluta subordinação ao evangelho – apontando para a emancipação do emocional. Posteriormente, considerou-se a “Bildung” como teoria da arte e como a formação geral para uma humanidade ideal. Nesse sentido, o termo “[...] começa a ser tomado em termos de uma cultura da alma, de uma formação interior.” (COHN-PLOUCHART, 1990, p. 158).

As duas formas começam a ter influências e produzir efeitos sociais, até que Lukacs lhe dá um significado definitivo: “[...] o processo temporal e histórico pelo qual um indivíduo, um povo, uma nação, e também uma obra de arte, adquirem uma forma.” (COHN-PLOUCHART, 1990, p. 158). Indica, dessa maneira, um percurso, um trajeto que o indivíduo, uma obra ou um povo devem realizar a fim de chegar ao ideal ou a um projeto de vida social. A maturação pressupõe uma viagem, uma migração porque liga a perfeição do resultado à vista de um modelo ou a um projeto imaginado.

Monteiro Lobato cria a menina de narizinho arrebitado a partir de uma fábula que ouvira sobre um peixinho que esquecera como nadar. Nessa criação, Lúcia, a menina do narizinho arrebitado ou Narizinho, sempre passeava à beira do ribeirão que passava no fundo do pomar do Sítio. Ali, ela senta para brincar com os peixinhos e acaba adormecendo. É acordada por um peixinho, que sabe respirar até fora d’água, o príncipe do Reino das Águas Claras e por um besouro. O príncipe a convida para visitar seu reino. Narizinho leva consigo sua boneca de pano. No fundo do rio, o Dr. Caramujo cria uma fórmula, denominada pílula falante, e dá a Emília. A boneca volta dessa viagem falando. Torna-se, nos livros de Lobato, a “porta-voz” do próprio autor. Desde a Modernidade, comediantes nômades fugiam do mundo dos negócios e procuravam distrair o povo com es-

petáculos de “bonecos chineses” ou de marionetes. Procuravam o sentido do mundo nas representações sobre o mundo e criavam na verdade das ilusões de dramas e comédias. Meister, de Goethe, ao crescer, abandona as seduções do teatro e vai trabalhar; não crê mais na verdade das ilusões. No “teatro” do Sítio, os personagens continuam a desempenhar papéis, cenas e atos, porque os artistas continuam crianças.

A viagem, a migração, transforma a boneca em boneca falante e inteligente, como por exemplo, em *O Poço do Visconde*, em que ela o ajuda a furar o poço de petróleo para mostrar ao Brasil que há petróleo em solo nacional. Permanece boneca, mas se transforma nessa viagem. O projeto ou o modelo apresenta-se não como um ser humano, mas como uma boneca esperta e crítica. A viagem ao Reino das Águas Claras perfaz uma periodização exigida para a formação e a maturação da Emília. Assim, o velho esquema da transformação de mentalidade por intermédio de viagens, presente na literatura de formação, está visível em Lobato. “Emília começou uma feia boneca de pano [...] Mas evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. E foi adquirindo uma tal independência [...] Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la.” (LOBATO, 1955b, p. 341). Em outras histórias, os personagens realizam viagens, como ao país da gramática, à lua, ao redor do mundo. Dessas viagens, Pedrinho, Narizinho, Visconde e, principalmente, Emília retornam sempre com novos conhecimentos adquiridos de forma prazerosa. A viagem é o tempo no qual o sujeito, a nação ou a obra de arte se realizam graças à experiência que fazem do mundo. A experiência efetivada – o oposto da “caceteação da escola” – consiste em que houve uma reunião, uma vivência, uma unidade a ser enfrentada.

A ação é fundamental na formação e apresenta-se, também, pela encenação, pela teatralização, além das viagens. Nesse sentido, o Visconde de Sabugosa planeja um espetáculo unitário dos números e organiza o “reino” da aritmética. Ao contrário da Emília que sempre inventa viagens fantásticas para entender as coisas, o Visconde traz a aritmética para o pomar do Sítio, desempenhando papéis de teatro para entenderem as coisas. Nesse, monta um circo onde os artistas – os números – apresentam a matemática para as crianças. Nesse cenário, os pés de laranja e a divisão de uma melancia, no momento do lanche, são elementos do cotidiano, usados para a aprendizagem. Por meio da encenação, que sempre é uma fantasia, as crianças aprendem, transformam-se, constroem seu mundo.

A experiência encenada, em favor de uma unidade e dentro de uma reunião de pessoas, representa os degraus do saber adquirido. Um verdadeiro progresso se realiza em direção ao indivíduo e ao grupo. A encenação alarga a visão, dá liberdade a seus espíritos, além de fornecer-lhes a pluralidade interna, autonomia e segurança no percurso.

A literatura de formação sempre segue essa direção. “Wilhelm Meister” de Goethe retrata um jovem que entra na vida, procura almas irmãs, reencontra a amizade e o amor e vai ao encontro da dura realidade do mundo. Amadurece no passo do itinerário, pois encontra-se a si mesmo e os outros; tem a certeza de sua tarefa no mundo. A literatura de formação combina a idéia de um desenvolvimento individual na interação com o mundo e uma elevação da humanidade. É o caminho da “Bildung”.

Lukacs (1968), em “Ensaio sobre Literatura”, dá à literatura de formação o sentido da reconciliação do indivíduo e do mundo. A aprendizagem ocorre no percurso e oportuniza a compreensão do mundo, o entendimento do que acontece e do que se vive. Isso só é possível na ação. Pela ação, a Bildung é aquilo que há de especificamente humano no homem.

A ação é fundamental no Sítio. Trata-se da ação vivida por intermédio das viagens fantásticas, do diálogo entre Dona Benta e seus netos e figurantes. A curiosidade mata os ouvintes que interrompem as narrativas com perguntas, sugestões e críticas ao conto narrado. A ação apresenta-se, principalmente, pela encenação, pela teatralização que faz parte da cultura que Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Jeca Tatu, etc.; personagens fantásticos e personagens reais constroem a partir do que adquirem no universo que constitui a sociedade em que vivem, pensam e são. O diálogo crítico, as viagens, as encenações e a realização de experiências (experimentos) perfazem a aprendizagem para uma formação; perfazem o percurso, o itinerário a ser palmilhado.

Esta é a cultura do povo rural do Sítio, sua forma de pensar, de ser. Tal percurso leva o eu a ser plenamente. Por meio da representação dividida em atos, cenas, dramas, poemas, produz-se uma totalidade que combina a organização simbólica e a construção de uma individualidade. A arte de observar a vida leva à compreensão de uma utilidade social ampliada. É a idéia de que todo indivíduo, em sua particularidade, mesmo sendo uma criança, é portador de uma universalidade.

Peter Pan, um personagem conhecido por todo mundo, vai ao Sítio. Todos os personagens de lá participam da história que os personagens – Peter Pan, Capitão Gancho, Sininho, o crocodilo, etc. – desempenham. No País da Gramática, os personagens começam a interagir com elementos da gramática. Os dois exemplos são amostragens das histórias do autor. Os personagens do Sítio assumem a prática da aprendizagem – entender o mundo pela observação, vivência e experiência –, generalizando o gosto da representação de papéis teatrais. No teatro, os personagens desempenham, encenam as ações de cada pessoa ou de cada coisa. Hoff (1993, p. 8), em seu artigo *A Viagem e o Teatro: princípios educativos em Montaigne*, afirma que a dimensão do teatro apresenta a possibilidade de vivenciar atitudes, convivências e facticidades, fornece oportunidades para observações de como se comporta a natureza humana, de como aumenta a solidariedade e a amizade e expõe a nu a natureza humana, os usos, os costumes e as afeições. Representar e “*contre-roller*” os papéis é contradesempenhar os papéis, é o entendimento, a transformação e a apropriação da cultura universal.

O universal está dado na particularidade do Sítio. A limitação do tio Barnabé e da tia Nastácia, pessoas tipicamente rurais, limitados por serem de uma região interiorana sem grandes ligações com o que se denomina civilização, é compensada por uma dimensão rica: são os representantes da cultura popular. Nesse ambiente de férias, Dona Benta recebe jornais e livros de um livreiro da capital. O autor não se revela nada rousseuniano: não tem aversão ao livro; ao contrário, é pelo livro que o universal penetra no Sítio. Essa é a forma de Monteiro Lobato escapar da circularidade da formação, isto é, uma cultura que circula ao redor da cultura popular; é a forma que faz aparecer claramente o que há de universal na cultura popular. É o passo do itinerário dos indivíduos e do povo em direção à formação.

3.1 CULTURA POPULAR

Tia Nastácia e tio Barnabé representam nos livros de Monteiro Lobato a cultura popular, com suas crendices, lendas, causos e contos. Um bom exemplo é a história do Saci, uma história contada pela Nastácia, real para ela. Depois de ouvi-la, as crianças vão consultar o tio Barnabé. Ele põe em ação sua ha-

bilidade e seu conhecimento, provindos de gerações, e ensina aos sobrinhos como pegar um Saci. Pedrinho, Emília, Narizinho e o Visconde – levados pela boneca – esperam por um dia de fortes ventanias e entram num redemoinho para encontrar e capturar um Saci. Tomam dele o capuz que, conforme os conhecimentos do tio Barnabé, é a fonte de sua força. Esse elemento é universal, está presente nos vastos cabelos de Sansão, no Anteu que renova suas forças em contato com a terra e em tantas outras lendas. Para ter seu capuz de volta, o Saci faz um pacto com a turminha. Assim, torna-se amigo e passa a conviver no Sítio; por fim, ajuda a turma em suas aventuras, como no exemplo do Sancho Pança e Dom Quixote, em visita ao Sítio: os dois são presos pela Cuca; Pedrinho solicita a ajuda do Saci que chama sua prima Iara, a mãe-d'água, e juntando-se aos outros vão ao encontro da Cuca para salvar os personagens dos Moinhos de Vento.

A manifestação autêntica da população rural traz a assimilação portuguesa, indígena e africana. Contém toda uma sabedoria das coisas, uma maneira de explicar o relacionamento entre si, com a natureza, com Deus e com o diabo. O mundo de contos, histórias, causos, relatos e fantasias expressam uma riqueza imensa na maneira de ver, pensar e articular o que é o universo social, cultural, etc. dessa gente. São manifestações concretas. É o modo de viver e ser do povo rural.

No Sítio, a cultura do povo é representada pelo modo de pensar, especificamente, os causos e o folclore. Expressa uma maneira de ser. São manifestações concretas, vividas pelo povo e são levadas ao abstrato por meio da teatralização, seguindo o itinerário da “Bildung”. Lá, ainda há povo rural; não há massa. Massa é antítese de elite e remete ao exercício do poder, à política. Povo envolve categorias sociais: brancos, índios, negros, etc. No entanto, esse povo rural é uma categoria condenada, em extinção. O caboclo da moda de viola, das festas de São João e o caboclo dos sítios, o dos contos, causos e histórias, esse caboclo está em extinção:

Está se transformando em proletário rural, assalariado permanente ou temporário, bóia-fria, num mundo rural. Ou, então foi para a cidade e se transforma em lumpen, em operário industrial, operário nos serviços. É a dissolução deste povo dos nossos amores, da nossa ilusão. Está em rápida extinção. Suas maneiras

de ser, de pensar, de trabalhar, de criar, estão se dissolvendo. É um processo acelerado. O campesinato, que misturou escravidão, índios, negros, brancos e caboclos e que tem uma fabulosa sabedoria do mundo, está em processo de dissolução, devido ao desenvolvimento das relações capitalistas no campo. (IANNI, 1979, p. 137).

A cultura popular, retratada no Sítio por meio das lendas e narrativas, é uma cultura que está se perdendo; está caindo na categoria de remanescentes, resquícios, elementos secundários na estrutura da sociedade. O povo rural do Sítio tinha sua cultura autenticamente popular. A literatura de Monteiro Lobato é datada, e seu pensamento deve ser devolvido a seu lugar de nascimento, quando o povo tinha uma determinada sabedoria das coisas, uma maneira de ver, de pensar, de ser e de relacionar-se e interpretar as coisas. Esse povo rural não existe mais como categoria social. Diante disso, seria possível falar-se em atualizar a obra de Lobato?

A proposta de formação ampla, expressa nos contos de Lobato, e os instrumentos utilizados para uma aprendizagem prazerosa – a leitura, o diálogo, o debate, as viagens e as encenações – designam um processo temporal e histórico pelo qual os indivíduos adquirem uma forma, uma maturação para a perfeição de um resultado à vista do que se exigia para aquela época. Essa maturação se realiza nas pessoas, graças à experiência, graças à “escola do mundo”. A cultura popular faz parte dessa imensa riqueza de formação.

Os aspectos de formação, presentes nos escritos lobatianos, foram remetidos ao seu local de nascimento, analisados sob as lentes daquele período. Da mesma forma serão analisados, na seção quatro, os aspectos da educação escolar.

4 ASPECTOS EDUCACIONAIS PRESENTES: TRAÇOS DA CULTURA ESCOLAR

Se na infância Lobato passava as férias escolares brincando na fazenda do avô, na adolescência, também na fazenda, passava seus dias lendo, entre outros, Júlio Verne, ao qual:

[...] creditava uma visão do mundo “como coisa viva, pitoresca, composta de paisagens e dramas”. Da leitura intensa de Verne, ele diria: “a inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia”. A bagagem de Júlio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando existe material concreto na memória. (DUPONT, 1982, p. 6).

Percebemos, partindo dessas idéias, que além de basear-se nas suas experiências de infância, o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo teve também como base suas constantes leituras. Temos na composição de sua obra infantil, além das características de uma literatura de formação, o alicerce encontrado em Verne: a inteligência só funciona prazerosamente se guiada pela imaginação e só compreendemos o abstrato partindo do concreto.

Ao recriar no Sítio do Pica-pau Amarelo o ambiente rural, com seus mitos e credences, criou um lugar de sonhos e diversão, de liberdade e fantasia. Em suas histórias, convivem com o pessoal do Sítio personagens das fábulas, do folclore, da mitologia, descrevendo um cotidiano com o qual as crianças se identificam.

Entre os vinte e três títulos da série infantil, alguns foram escritos “[...] com objetivos didáticos, atendendo às necessidades escolares e transmitindo [...] conhecimentos diversos de geologia, geografia, língua portuguesa, matemática, história, etc.” (SILVA, 1982, p. 14). São eles: Histórias do Mundo para Crianças – História Geral; Emília no País da Gramática – Língua Portuguesa; Aritmética da Emília – Matemática; Geografia de Dona Benta – Geografia; Serões de Dona Benta – Ciências Física e Biológicas; Histórias das Invenções – Curiosidades sobre o mundo; Viagem ao Céu – Astronomia; O Poço do Visconde – Geologia.

Atendendo aos objetivos propostos neste trabalho, serão analisados os cinco primeiros por estarem diretamente relacionados às disciplinas das séries iniciais do ensino fundamental. Neles, analisaremos alguns aspectos da cultura escolar.

4.1 BUSCANDO OS ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR

Buscar os aspectos dessa cultura implica primeiro em conceituá-la e entendê-la. Para Dominique (2001, p. 1):

[...] poder-se-ia descrever cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Conforme Silva (2001, p. 6), a cultura escolar é “[...] tanto o conjunto de saberes sobre os quais a escola se debruça no trabalho pedagógico, como também está presente nas determinações dos mitos, dos comportamentos, das tradições, das inovações e das relações sociais.” Baseado nesse conceito é que nos debruçamos sobre os escritos de Monteiro Lobato para neles buscar os aspectos da educação escolar presentes nas determinações dos mitos, dos comportamentos, das tradições, das inovações e das relações sociais expressos não dentro de uma sala de aula, mas nos serões, encenações e viagens organizados pela turminha do Sítio do Pica-pau Amarelo.

4.1.1 **História do mundo para crianças**

Nesse livro, o autor dá um apanhado da evolução e da história da humanidade no planeta. A história do Brasil está inserida nesse processo de forma contextualizada.

Na página 1567 dessa história, como também em outras, Lobato refere-se à Dona Benta como “[...] uma senhora de muita leitura [...]” que “[...] além de ter uma biblioteca de várias centenas de volumes, ainda recebia dum livreiro da capital as novidades mais interessantes do momento.” O autor aponta para a necessidade de o educador estar bem- informado com relação àquilo que vai ensinar.

Quanto às crianças, lhes é permitido registrar tais ensinamentos não como uma cópia mecânica, um registro obrigatório de conteúdos, mas como uma síntese sua, o seu modo de entender e registrar, pode ser uma série de palavras correlacionadas mostrando o que foi apreendido, como nessas anotações de Pedrinho:

– Tudo veio vindo lentamente, passo a passo, uma coisa saindo de outra, através de milhões de anos. Compreenderam? Resuma lá o que eu disse Pedrinho.

Pedrinho pensou um momento e, tirando do bolso o lápis, escreveu numa folha de papel o seguinte:

ESTRELA – SOL

SOL – ESPIRRO DO SOL

ESPIRRO DO SOL – TERRA

TERRA – VAPOR

VAPOR – CHUVARADA

CHUVARADA – OCEANOS

– Muito bem! – exclamou Dona Benta correndo os olhos no papel. – Está certo. E depois? (LOBATO, 1982, p. 1569).

A transmissão dos conhecimentos, por sua vez, são momentos de prazer nos quais o diálogo e os debates são constantes. As crianças podem interromper, fazer perguntas, constatações, discussões e até discordar:

– A primeira e a maior descoberta do homem foi o fogo – disse Dona Benta.

Pedrinho protestou. – A primeira pode ser, vovó, mas a maior, não! – disse ele. – onde a senhora põe a invenção da pólvora, da imprensa, do radio e tantas outras? (LOBATO, 1982, p. 1572).

Quanto ao conteúdo, notamos que, embora a história do Brasil esteja inserida no contexto geral, o texto mostra uma transmissão de conteúdos rígidos, naturalizados, como podemos perceber no relato a seguir. Sua atualidade será discutida nas considerações finais.

Em certo momento esse príncipe, D. Pedro, resolveu proclamar a independência da colônia e o fez por ocasião duma viagem a cavalo da cidade de Santos à cidade de São Paulo. Havia ele chegado à beira dum riacho de nome Ipiranga, junto a São Paulo, quando recebeu o correio com a correspondência de Portugal [...] Eram más as notícias. (LOBATO, 1982, p. 1718).

Outro recurso proposto por Lobato são as comparações. Dona Benta sempre as faz, porém deixa as conclusões para as crianças.

Narizinho deu um suspiro. – E com certeza teremos também guerras atômicas, vovó. A História é só guerras, guerras e mais guerras. Nem bem o mundo sai de uma e já começa a preparar-se para outra [...] – De fato, minha filha, a vida do homem na terra tem sido uma luta constante entre os povos. Mas sabe a razão disso? Criançice. Falta juízo que só a madureza pode traz. A humanidade é ainda muito criança. Está ainda no período dos meninos de escola que depois das aulas vêm para a rua engalfinhar-se pelos motivos mais fúteis. (LOBATO, 1982, p. 1738).

Ao analisarmos os aspectos presentes aqui, perguntamo-nos: a educação àquela época constava então de encontros nos quais os professores estavam bem-preparados, possuíam muitos livros? A transmissão dos conteúdos se dava via diálogos, debates e comparações, registrados da forma como o aluno melhor os entendia? Evidentemente que não. Faremos aqui uma operação inversa. Essa era a proposta de Lobato, que buscava um ensino prazeroso. Embora no que se refere aos conteúdos em si ele mantenha uma rigidez e uma naturalização, sua proposta renova pelos meios de ensinar. Portanto, o que temos latente quanto à cultura escolar é uma transmissão de conteúdos rígidos, naturalizados, aparentemente com muitas cópias mecânicas e aulas nas quais o silêncio dos alunos seria imperativo.

4.1.2 Emília no País da Gramática

Aqui a gramática é transformada em uma cidade na qual os personagens do Sítio, guiados pelo Quindim, o paquiderme gramático, vão conhecer as principais regras da ortografia.

Inicialmente, notamos a presença da famosa “decoreba”:

Dona Benta com aquela paciência de santa estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho rezingou. – Maçada, vovó. Basta que eu tenha de lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são para brincado. Não, não e não [...] Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; [...] – Ah! Assim, sim! – dizia ele. – se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios. (LOBATO, 1982, p. 293).

Opondo-se à decoração pura, o autor além de propor debates e diálogos usa o mundo da imaginação e da criatividade para organizar viagens nas quais os personagens vão ao encontro dos conteúdos, transformados em personagens fantásticos:

– Pedrinho – disse ela (a Emilia) um dia depois de terminada a lição – por que, em vez de estarmos aqui a ouvir falar de gramática, não havemos de passear no País da Gramática? O menino ficou tonto com a proposta. – Que lembrança, Emilia! Esse país não existe, nem nunca existiu. Gramática é um livro. (LOBATO, 1982, p. 293).

O gramático dessa história, por alguns considerado como um sujeito carancudo e grosseiro, por ser representado por um paquiderme enorme e cascudo, pode muito bem se modernizar, sem perder seus conhecimentos. Sua participação na reforma gramatical, ao lado da Emília, comprova sua modernização:

Emília que estava observando a cena, teve dó dele. Chamou o Quindim e disse-lhe:

– Vamos, Quindim! Avance e espalhe aqueles peludos complicadores da língua. Chifre neles! [...] – Você, sua diaba (a Velha Ortografia), viveu muito tempo a complicar a vida das crianças sem que nada lhe acontecesse. Mas agora tudo mudou. Agora estou eu aqui. – e o Quindim ao meu lado! Quero ver quem pode com esse “binômio gramatical.” (LOBATO, 1982, p. 352).

A presença de diálogos, debates e comparações se mantém. Também, mantém-se a preocupação do autor em facilitar os meios pelos quais as crianças aprendem.

– A senhora canta muito bem, mas não entoa. Talvez tenha até carradas de razão. Entretanto ignora a maçada que é para as crianças estarem decorando, um por um, o modo de se escreverem as palavras pelo sistema antigo. Os velhos carranças é natural que estejam do seu lado, porque já aprenderam pelo sistema antigo e têm preguiça de mudar; mas as crianças estão aprendendo agora e não há razão para que aprendam pelo sistema velho, muito mais difícil. Eu falo aqui em nome da criançada. Queremos a ortografia nova porque ela nos facilita a vida. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha. (LOBATO, 1982, p. 349).

Nessa história, percebemos como acontecia a relação aluno/professor. Pedrinho, ao recusar-se a ter aulas de gramática com a avó, reclama da obrigação imposta pelo professor de decorar todas as regras.

4.1.3 Aritmética da Emília

Em “Aritmética da Emília”, Monteiro Lobato consegue transformar a aritmética, matéria considerada muito chata pelas crianças, numa gostosa brincadeira no pomar. O método aqui usado é o da encenação. Não farão uma viagem, não sairão do Sítio. Numa clara menção de que os conteúdos devem estar presentes no cotidiano infantil e atendendo às suas necessidades, a matemática é que virá até eles:

– A minha viagem – respondeu ele (o Visconde), é um pouco diferente das outras. Em vez de irmos passear no País da Matemática, é o País da Matemática que vem passear em nós. – Que idéia batuta! – exclamou a Emília encantada. Todas as viagens deviam ser assim. A gente fica em casa, no maior sossego, e o país vinha passear na gente. Mas como vai resolver o caso, maestro? – Da maneira mais simples. – respondeu o Visconde. Vou organizar um Circo Sarrazani, para que todo o pessoal do País da Matemática venha representar diante de nós. Inventei esse novo sistema porque ando reumático e não posso locomover-me. (LOBATO, 1982, p. 356).

Como nos livros anteriormente analisados, há uma rigidez com relação aos conteúdos transmitidos:

– Isso já é mais complicado temos que fazer uma conta. O melhor é chamar Dona Regra para ensinar o jeitinho – disse o Visconde, estalando o chicote. Dona Regra apareceu. – Faça o favor de explicar ao respeitável público como se faz uma soma de números grandes. (LOBATO, 1982, p. 368).

A falta de um quadro negro para as explicações da Dona Regra é resolvida pela Emília, que veio com uma de suas idéias geniais: “– Quindim pode muito bem virar quadro-negro – disse ela. A casca dele é ótima para ser riscada com giz. Já

fiz a experiência.” (LOBATO, 1982, p. 368). Durante as explicações, Dona Regra fala da necessidade de se decorar as tabuadas. “Todos têm de decorar esta tabuada, como fizeram com a tabuada de somar. Sem saberem as duas tabuadas decorzinho na ponta da língua, é impossível fazerem qualquer conta de somar ou diminuir.” (LOBATO, 1982, p. 371). No entanto, até mesmo na decoração das tabuadas, a interferência das crianças é permitida. E, se não tem outro jeito senão decorar, então que seja de forma agradável e divertida. Lá vem mais uma da Emília:

[...] eu tenho uma idéia muito boa a respeito destas tabuadas. – Qual é? – Escrever as duas nas árvores do pomar, e ninguém poderá apanhar uma laranja sem primeiro recitar, de olhos fechados e certinho, a casa da tabuada escrita na casca da laranjeira. (LOBATO, 1982, p. 372).

Assim, os pés de laranja do pomar tiveram gravados em suas cascas as tabuadas de somar e diminuir, de todas as casas.

A empolgação com as aulas de matemática é tamanha, e os resultados são tão bons que até mesmo a tia Nastácia percebe e fica admirada:

– Parece incrível – dizia ela, que laranja dê “mio” resultado que palmatória – e dá. Com palmatória, no tempo antigo, as crianças padeciam e custavam a aprender. Agora, com as laranjas, esses diabinhos aprendem as matemáticas brincando e até engordam. O mundo está perdido, credo [...] – Mas se você não sabe aritmética, Nastácia, como sabe que nós sabemos tabuada? – perguntou-lhe a menina. – Sei, porque quando um canta um número os outros não “corrêge”. (LOBATO, 1982, p. 384).

Aproveitar-se das situações vividas no momento é outro meio apontado. Um bom exemplo é a chegada de uma melancia, presente do vizinho, o Coronel Teodorico, que interrompe o espetáculo, mas é prontamente aproveitado pelo Visconde.

– Ótimo! – exclamou de repente o Visconde. Esta melancia veio mesmo a propósito para ilustrar o que eu ia dizer. Ela era um inteiro. Tia Nastácia picou-a em pedaços, ou frações. As frações formam justamente a parte da Aritmética de que eu ia tratar agora. – Se pedaço de melancia é fração viva as frações! – gritou Pedrinho. (LOBATO, 1982, p. 386).

Permanecem os diálogos, os debates e as comparações. Novamente, o autor chama a atenção para a necessidade de uma boa preparação por parte daquele que detém um maior número de conhecimentos e que irá transmiti-los às crianças.

A lição foi interrompida pela chegada do correio com uma porção de livros encomendados por Dona Benta. Entre eles vieram os de Malba Tahan [...] Dona Benta passou a noite a ler um deles chamado O HOMEM QUE CALCULAVA. (LOBATO, 1982, p. 409).

Buscando os traços da cultura escolar no reverso da proposta de Lobato, percebemos, mais uma vez, a presença da decoração pura, da falta de diálogos e de debates nas salas de aula, o que leva, conseqüentemente, ao não-aproveitamento de situações experimentadas, vivenciadas ou mesmo criadas pelas crianças.

4.1.4 Geografia de Dona Benta

A Geografia sai dos livros. O pessoal do Sítio, sob o comando de Dona Benta, embarca no navio “O terror dos Mares” e sai pelo mundo afora, vivendo a Geografia. E aquele estudo chato e sem graça transforma-se numa aventura, com paradas em inúmeros portos e descidas em terra para ver as coisas mais notáveis de todos os países.

Diferentemente de Emília no País da Gramática, aqui é feita uma alusão à figura do professor. Pedrinho reclama preferindo claramente as explicações dadas pela avó: “– Sempre que a senhora explica nós entendemos muito bem; mas quando os outros explicam, ficamos na mesma.” (LOBATO, 1982, p. 984).

O faz-de-conta impera, mas os exercícios práticos e os experimentos também têm o seu valor e não são esquecidos:

– Espere, vovó deixe-me praticar – disse o menino pondo-se de pé, já esquecido de que estava na lua. – O sol nasce todos os dias aqui do lado da fazenda do Major Teodorico – logo Teodorico é Leste. E como a minha mão esquerda fica apontando para os lados da vila, a vila é Norte [...] (LOBATO, 1982, p. 985).

Pedrinho, na dúvida, resolveu tirar a prova daquela Matemática. Cortou pelo meio várias laranjas e uma grande abóbora bem redondinha. Mediu a circunferência e o diâmetro de todas as “cuias” e achou que era um terço e um tico da circunferência, qualquer que fosse o tamanho das frutas. (LOBATO, 1982, p. 990).

Para estudar Geografia, novamente uma viagem foi organizada. O cotidiano e a imaginação estão sempre presentes na aprendizagem proposta por Lobato. A relevância dada tanto à imaginação e à criatividade quanto ao estudo partindo de experimentos e exercícios práticos apontam para o reverso da escola: uma caceteação, parafraseando Pedrinho.

4.1.5 Serões de Dona Benta

Depois da abertura do poço de petróleo no Sítio, as crianças ficaram com um “comichão no cérebro” e queriam saber coisas, saber tudo quanto há no mundo, mas quando Pedrinho pede a avó novos serões, ela responde:

– Muito fácil, meu filho – respondeu Dona Benta. – A ciência está nos livros. Basta que os leia. – Não é bem assim, vovó – protestou o menino. – Em geral os livros de ciências falam como se o leitor já soubesse a matéria de que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma. [...] A ciência de que gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha como água do pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe ou sabe mal-e-mal. (LOBATO, 1982, p. 1741).

Então Dona Benta resolveu ensinar Física aos netos e em vários serões oferece um verdadeiro curso de ciências físicas e biológicas. Os diálogos, os debates e as constantes maluices da Emília suavizam a matéria.

Assim como nas outras histórias, as comparações, os diálogos e os debates se fazem presentes. Na página 1749, Dona Benta compara a ciência com a curiosidade de Pedrinho para descobrir a que pássaro pertencia aquele canto diferente. Outra comparação interessante é feita com situações vividas pelas crianças:

– Mistérios da natureza, meu filho. Há um fenômeno químico muito interessante, que se chama catálise, ou ação de presença. [...] – Essa ação de presença – disse Narizinho – é muito comum na vida. A sua presença, por exemplo, vovó, faz que as criaturas se comportem de outra maneira – sobretudo a Emília. Assim que a senhora sai, ela vira outra [...] – E você também – protestou Emília – Você é uma na frente de sua avó e outra longe – pensa que não sei? (LOBATO, 1982, p. 1749).

Os experimentos são realizados utilizando-se de um “laboratoriozinho” de Dona Benta. Além dos experimentos, acrescenta-se a utilização de desenhos: “E mandou a menina desenhar uma torneira rachada ao meio, para que vissem como era lá dentro.” (LOBATO, 1982, p. 1764).

Utilizando-se de variados meios para “explicar a matéria”, as crianças aprendem de forma significativa e tiram suas próprias conclusões como nos exemplos dados por Emília para a formação do gelo seco: “– Quer dizer que se engasga – observou Emília. Na fúria de evaporar-se a galope vira gelo e não se evapora [...]” e de Pedrinho concluindo o que é o frio: “– Quer dizer que o gelo a gente obtém roubando o calor da água – ausentando o calor da água.” (LOBATO, 1982, p. 1793).

Aqui o autor aponta para a necessidade de se organizar um laboratório ainda que pequeno para a realização de experimentos. Enfatiza, também, a utilização de desenhos além dos já citados debates diálogos e comparações. Utiliza-se de Pedrinho para fazer uma crítica aos livros didáticos, cuja linguagem não se destina às crianças. E, por outras falas de seus personagens, podemos concluir que a crítica de Monteiro Lobato à escola se dirigia à falta de diálogos, de debates, de oportunizar as manifestações das crianças, falta de um trabalho que valorizasse a criatividade e a imaginação infantis, que trabalhasse utilizando-se de situações cotidianas. Para ele, na escola, como estava posta, a criança não aprendia:

No outro dia Dona Benta recebeu carta de dona Antonica, sua filha, dizendo que as aulas de Pedrinho iam começar e que o mandasse imediatamente. – Que pena! – suspirou Pedrinho, quando Dona Benta lhe trouxe a notícia. – Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó durante as férias que passo

aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro [...] (LOBATO, 1982, p. 1836).

Seriam os ensinamentos de D. Benta tão melhores que os da escola? Monteiro Lobato considerava o ensino não-escolar ou informal superiores aos escolares? Evidentemente, o autor não condenava a escola, tampouco os conhecimentos por ela transmitidos, mas criticava duramente as metodologias empregadas.

4.2 A CULTURA ESCOLAR DOS PROFESSORES

Para Viñao Frago (2000, p. 8), os professores, em suas instituições escolares, vivem um “[...] conjunto de modos de pensar e de fazer, de crenças e práticas, de mentalidades e comportamentos sedimentados ao longo do tempo.” Essas pressões e exigências – continua o autor espanhol – conformam a mentalidade e o comportamento, ou seja, a cultura escolar dos professores.

Na obra de Monteiro Lobato, temos latente uma cultura docente que privilegia a detenção e o monopólio do saber pelo professor que deveria transmiti-lo a crianças “mudas”. As críticas do autor dirigem-se, como já foi dito, à falta de diálogos, de debates, de experimentos, de aproveitar as situações vividas ou criadas pelas crianças. Em outras palavras, dirige-se, além do método, ao professor como detentor e monopolizador do saber.

Nesse sentido, Lobato busca desmontar a imagem idealizada do educador detentor do saber. Dona Benta dialoga com seus netos, debate, dá-lhes voz e, sobretudo, aprende com eles. Segundo Martha (2004, p.14-15), Dona Benta, ao personificar a professora, atua a partir de duas perspectivas: “[...] como professora e como avó. [...] Em ambos, porém, permite a participação de seus ouvintes, dialogando com eles e concedendo-lhes, inclusive, a oportunidade de polemizar e emitir opiniões.” Lobato a apresenta como uma senhora de muita cultura, que procura conhecer anteriormente o que vai ensinar, como na passagem em que ela passa a noite lendo *O Homem que Calculava* de Malba Tahan. Com essa prática, ela evita “[...] surpresas com o desenrolar dos fatos e adquire ainda, condições para adaptar os conteúdos às potencialidades de seus ouvintes [...] diminuindo a distância entre a criança e o fato.” (MARTHA, 2004, p. 15).

5 CONCLUSÃO

A vida no ambiente rural do Sítio do Pica-pau Amarelo é um interminável suceder de renações maravilhosas com as quais as crianças se identificam pela liberdade, criatividade e imaginação. É esse mundo mágico que Monteiro Lobato usou para transmitir conhecimentos escolares. Para ele “[...] conseguir transmitir conhecimentos não é tudo. O importante é descobrir o caminho para chegar às crianças, quer pela linguagem, quer pelas situações vividas pelos personagens.” (SILVA, 1982, p. 17).

A proposta de formação ampla, expressa nos contos de Lobato, e os instrumentos utilizados para uma aprendizagem prazerosa – a leitura, o diálogo, o debate, as comparações, as viagens e as encenações – designam um processo temporal e histórico mediante o qual os indivíduos adquirem uma forma, uma maturação para a perfeição de um resultado à vista do que se exigia para aquela época. Essa maturação se realiza nas pessoas, graças à experiência, graças à “escola do mundo” e aos ensinamentos escolares, se bem transmitidos. Assim, entendemos os aspectos educacionais e de formação, presentes nos escritos lobatianos.

Percebemos que o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo, além de basear-se nas suas experiências de infância, levou em consideração suas constantes leituras. O alicerce encontrado em Júlio Verne, cujas obras leu na adolescência, compõe, também, o chão de sua obra infantil: a inteligência só funciona prazerosamente se guiada pela imaginação e só compreende bem quando parte do concreto para o abstrato, ou seja, quando parte daquilo que pode ser apreendido pelos sentidos para a compreensão.

Esse caminho é construído, nesses cinco volumes analisados, com viagens, serões e encenações, próprios da literatura de formação. Caminho aberto para o diálogo, os debates, as comparações, as interferências e para as maluquices da Emília, tendo por mediador um adulto competente, paciente e acima de tudo muito bem-preparado. A forma como Pedrinho registra os conteúdos, os exercícios práticos, os experimentos e os desenhos, tudo partindo de situações cotidianas, vivenciadas pelas crianças, apontam para um modelo social, como afirma Lajolo (1997), um modelo de escola.

A relevância à utilização de muitos livros pelo adulto refere-se à boa formação daquele que será o transmissor dos conhecimentos, é uma provocação dirigida

aos professores. Já quanto aos livros impostos às crianças tanto os da literatura quanto os didáticos são, por ele, criticados nas suas cartas ao amigo Rangel:

O D. Quixote é para ver se vale a pena traduzir. [...] Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigileirar a linguagem. (LOBATO, 1955a, p. 275).

Teu livro está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramáticas, aritméticas – todos os instrumentos de torturar crianças. (LOBATO, 1955b, p. 263).

No reverso da proposta de Lobato, encontramos alguns contornos da cultura escolar daquele período: a decoração pura, a falta de diálogos, de debates, as imposições do professor, o silêncio dos alunos, as cópias mecânicas de conteúdos rígidos e naturalizados. Retomando a questão que levantamos se eram os conhecimentos de Dona Benta superiores aos escolares, ressaltamos que as críticas de Monteiro Lobato não se dirigiam aos conteúdos transmitidos na escola, tanto é que, nos cinco livros analisados, os conteúdos utilizados são os mesmos conteúdos escolares. Tampouco tais críticas visavam valorizar somente os conteúdos informais, não-escolares. Suas críticas se direcionaram fortemente às formas pelas quais o ensino era ministrado, ou seja, aos métodos de ensino.

Tanto é que uma crítica aos escritos lobatianos se direciona à manutenção da rigidez e da naturalização com relação aos conteúdos escolares. Estes são apresentados nessas obras de forma linear. Considerando seu discurso em prol da modernização, existiria, na obra de Lobato, uma contradição gritante? É o que tentamos desvendar. Para tanto, lançamos mão da história do descobrimento do Brasil:

– Entre elas – disse a boa senhora – surgiu o Brasil. Os portugueses, que haviam perdido a maravilhosa oportunidade de descobrir a América, desferraram-se em parte, por obra do acaso. O almirante Cabral fora enviado para as Índias em busca de especiarias. Em certo ponto da viagem afastou-se demais do caminho usual e [...] descobriu uma terra cheia de palmeiras e índios nus, da qual logo tomou conta para o rei de Portugal. (LOBATO, 1982, p. 1694).

Ao remetermos a transmissão desses conteúdos ao seu berço, podemos compreender essa permanência. Em 1933, quando Lobato escreveu o livro *Histórias do Mundo para Crianças*, acreditava-se que o descobrimento se dera realmente por acaso. Os estudos e pesquisas que apontam o contrário são posteriores. A naturalização, a rigidez e a linearidade dos conteúdos eram características da pedagogia tradicional vigente, embora o movimento escolanovista buscasse inovações, e o próprio Lobato criticasse seus métodos. A contradição existente só se torna gritante se tentarmos comparar esses conteúdos com o que temos hoje, após muitos estudos e pesquisas. Considerando que uma obra, artística ou literária, é historicamente datada, o que deve ser feito é uma análise sob as lentes do período ao qual se refere.

Dessa forma, é muito difícil atualizar as histórias de Lobato, ou qualquer outro autor. Oportunizar à Dona Benta um computador, por exemplo, só seria possível nas adaptações para a televisão porque, conforme explica Luis Fernando Veríssimo, em entrevista ao apresentador Serginho Groisman, exibido em 3 de abril de 2005, pela Rede Globo, “[...] um escritor não deve julgar, tampouco comparar a adaptação de uma obra sua com a obra em si porque a linguagem é outra, os objetivos diferem.” Por outro lado, como tratar as lutas pela exploração do petróleo em solo brasileiro, quando o Brasil já conquistou sua auto-suficiência? Modificar o passado histórico, atualizando-o, é a mesma coisa que analisar a obra de forma a-histórica. Um exemplo, na obra infantil, pode ser encontrado em *Geografia de Dona Benta*:

Isso de “cidades certas” é a coisa mais rara que há no mundo. Existem poucas: Washington, capital dos Estados Unidos, La Plata, na Argentina, Camberra, na Austrália e aqui no Brasil, Belo Horizonte, Goiânia e, desde 1960, a mais moderna cidade do mundo, Brasília, que é uma maravilha de concepção e planejamento. (LOBATO, 1982, p. 1007).

Belo Horizonte foi inaugurada em 1897, Goiânia em 1933, mas como poderia Monteiro Lobato ter escrito sobre Brasília se esta foi fundada em 1960, quando já há 12 anos ele havia falecido? Esse fato aguça a curiosidade e levanta questões que por hora ficam sem respostas. Existe, por parte da editora, o poder para fazer uma atualização de dados nos escritos de um autor? Se existe, com que objetivos? Comerciais? Didáticos? E quais são os critérios utilizados?

A modernidade no Sítio apresentava-se pelo uso do rádio, dos jornais, dos livros, da tecnologia usada tanto na perfuração do poço de petróleo quanto na criação de porcos (Serões de Dona Benta, p. 1838). Tecnologias que se fossem usadas hoje seriam consideradas obsoletas. Isso também se aplica aos aspectos educacionais da literatura infantil lobatiana considerada como paradidática. Sob as lentes da atualidade:

[...] podemos encontrar uma defasagem: certos conceitos presentes em Geografia de Dona Benta precisam ser revistos; certas denominações em Emília no País da Gramática não constam da Nomenclatura Gramatical Brasileira; alguns conceitos de aritmética são hoje obsoletos. (MATTOS, 1990, p. 1).

De fato, há conceitos ultrapassados e denominações inexistentes, mas ultrapassados e inexistentes hoje ou quando foram escritos? Uma obra literária é datada e assim revela modos como uma determinada sociedade em um determinado período se produziu. Aponta os contornos de sua cultura tanto popular quanto erudita e, também, escolar. Atualizá-la a descaracterizaria provocando um falseamento tanto da cultura de uma forma geral quanto da cultura escolar.

A palmatória citada por Tia Nastácia foi um recurso que pertenceu a uma determinada sociedade que produziu certa cultura escolar que, tempos depois, Nastácia compara a eficácia de uma e da outra, usada no sítio. Concordamos com Russeff (1997, p. 248) quando diz que “[...] o mais acertado é explorar a pertinência do pensamento lobatiano na leitura renovada daqueles livros que fizeram a fortuna mágica (e crítica) de várias gerações.” A questão a ser posta não é atualizar conceitos ou conteúdos postos quer na obra de Lobato, quer em outros autores, mas utilizar-se dela tanto como fonte para estudos e pesquisas do que se produziu e, também, econômica quanto educacional e socialmente num determinado período, lançar mão desses clássicos num divertido e criativo trabalho pedagógico. Um e outro só se tornam possíveis na obra original.

Recentemente, o Supremo Tribunal de Justiça concedeu à Editora Globo os direitos sobre a obra de Lobato, mas, segundo Vladimir Sacchetta, um dos membros da equipe responsável pelas novas edições “não se atualiza um clássico.” Na mesma reportagem, a equipe explica:

O projeto inicial da editora era adaptar a gramática da Emília às novas mudanças que a disciplina sofreu desde que a obra foi publicada. Mas seriam tantas e tão agressivas intervenções que descaracterizariam o original. Optou-se, então, por sinalizar no livro os trechos que serão contextualizados à luz das recentes teorias da linguagem, em estudo ao final do livro. (PEREIRA JUNIOR, 2008, p. 39).

Resta-nos esperar que essas novas edições cheguem ao mercado para conferir. Contextualizar os conteúdos, utilizar-se de debates, de diálogos, de comparações, de desenhos, de experimentos, de exercícios práticos, de encenações, aproveitar-se das situações criadas pelas crianças, lançar mão de meios agradáveis para ensinar levando os alunos a tirarem suas próprias conclusões, eis o caminho apontado por Lobato para uma prática escolar alegre e criativa. É o que se apresenta nos discursos pedagógicos atuais. Então, onde residiria, hoje, o ponto forte de sua obra? Usar a criatividade e a imaginação respeitando a criança, aí está o ponto forte. Ele “tentou em toda a sua obra, provocar o espírito crítico da criança, respeitando o universo infantil.” (SILVA, 1982, p. 19). Há em seus livros imensas possibilidades: a fantasia e a realidade se fundem, mas podem ser investigadas e utilizadas para uma prática docente prazerosa, alegre e criativa, como bem sugeriu Monteiro Lobato.

The Formation's literature and the school contents on the writings of Monteiro Lobato: notes for a pedagogical practice

Abstract

This article is the result of a theoretic bibliographical research intituled The Formation's Literature and the School Education on the Writings of Monteiro Lobato, which aimed to analyze the formative and school aspects into five books belonging to infantile writings from Lobato, edited on the Collection Sítio do Pica-Pau Amarelo. Trips and stages conducts by personages formation. The analysis school culture's traces identifies that Monteiro Lobato did not condemn the school class, but its methodology of education. Having experience as

didactic book publisher, he produces a group into the Small Farm, which criticizes the school-book and the knowledge transmission in class. The analysis of the author's five books detected in the scene into the Small Farm a social model of school. Well prepared dialogues, discussions, comparisons, professors, ways of learning's facilitations, use of material concrete and practical exercises, experiments, exploitation of situations lived for the children show a happy and creative teaching. The more significative contribution of this author war the valuation of the creativity and the use of the fantastic imagination, as teaching's method.

Keywords: Monteiro Lobato. Formation's literature. School education. Practical professor.

REFERÊNCIAS

COHN-PLOUCHART, D. Le Roman de Formation. In: KAHN, P. et al. **L'Éducation**. Approches Philosophiques. Paris: Presses Universitaires, 1990. p. 157-169.

DOMINIQUE, J. A cultura como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-45, 2001.

DUPONT, W. A vida. In: LOBATO, M. **Sítio do Pica-pau Amarelo** – Edição Centenário: 1882-1982. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. v. 1.

FUNDAÇÃO BANCO do BRASIL/ODEBRECHT. **Monteiro Lobato**: vida, realidade e sonho. Projeto Memória, 1982.

HOFF, S. A Viagem e o Teatro: princípios educativos em Montaigne? In: **Montaigne**: notas sobre os Ensaios. Apontamentos. Maringá: Ed. UEM, 1993. p. 1-13.

IANNI, O. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: VALE, E. E.; QUEIROZ, J. **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez/Educ, 1979. p. 134-140.

LAJOLO, M. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez; USF/FAN, 1997. p. 225-246.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense Companhia, 1955a.

_____. _____. São Paulo: Editora Brasiliense Companhia, 1955b.

_____. **O escândalo do petróleo**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. **Sítio do Pica-pau Amarelo** – Edição Centenário: 1882-1982. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. v. 1-4.

LUKACS, G. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

MARTHA, A. A. P. Imagem e Mercado: a representação do professor na literatura para crianças e jovens. In: PAULINO, M. G. R.; MOTA, R. J. C. (Org.). **Leitura Literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 11-17. v. 1.

MATTOS, M. A. B. **Viajando pelo país da Gramática**. Campinas, 1990.

PEREIRA JUNIOR, L. C. A. Gramática de Emília. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo: Ed. Segmento, ano 3, n. 27, p. 36-42, jan. 2008.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, J. L. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2001.

RUSSEFF, Ivan. A infância no Brasil pelos olhos de Monteiro Lobato. In: FREITAS, M. C. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez; USF/FAN, 1997. p. 247-267.

SILVA, F. C. T. **Escola e cultura escolar**: dimensões do currículo. Campo Grande: Mimeo, 2001.

SILVA, J. C. Algumas características da literatura infantil lobatiana. In: CADERNOS DA PUC/RJ. **Sobre Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Série Letras, 1982.

TEIXEIRA, A. S. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.

VIÑAO FRAGO, A. **Culturas escolares, reformas e innovaciones**: entre la tradición y el cambio, 2000. Não publicado.

